



UNIVERSIDADE ESTADUAL DO PIAUÍ - UESPI
LICENCIATURA EM FILOSOFIA

JACQUELINE DE SOUZA VITORIANO

**A ANTROPOLOGIA EXISTENCIAL EM “O EXISTENCIALISMO É UM
HUMANISMO” DE SARTRE**

PARNAÍBA-PI
2025

JACQUELINE DE SOUZA VITORIANO

**A ANTROPOLOGIA EXISTENCIAL EM “O EXISTENCIALISMO É UM
HUMANISMO” DE SARTRE**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Universidade
Estadual do Piauí - UESPI em cumprimento às exigências para
a obtenção da graduação em Licenciatura em Filosofia.

Autora: Jacqueline de Souza Vitoriano
Orientador: Prof. Dr. Carlos Henrique Carvalho Silva

**PARNAÍBA-PI
2025**

JACQUELINE DE SOUZA VITORIANO

**A ANTROPOLOGIA EXISTENCIAL EM “O EXISTENCIALISMO É UM
HUMANISMO” DE SARTRE**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Universidade
Estadual do Piauí - UESPI em cumprimento às exigências para
obtenção da graduação em Licenciatura em Filosofia.

Aprovada em: 18 / 06 / 2025

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Carlos Henrique Carvalho Silva
Instituição: Universidade Estadual do Piauí - UESPI

Prof. Me. Thiago Monteiro Chaves
Instituição: Universidade Estadual do Piauí - UESPI

Prof. Dr. Leandro Araújo Sardeiro
Instituição: Universidade Estadual do Piauí - UESPI

RESUMO

Este estudo tem como intuito investigar a questão antropológica do homem, seu espaço no mundo e sua existência. A problemática deste trabalho consiste em abordar essa questão com base na perspectiva existencialista de Jean-Paul Sartre. Para a compreensão do tema, utilizamos a obra *O Existencialismo é um Humanismo* (1946), na qual se apresenta a questão filosófica do homem enquanto sujeito que existe sob um viés antropológico. O objetivo deste trabalho é analisar a presença da antropologia existencial, buscando compreender o sentido de humanismo conforme definido conceitualmente por Sartre. Pretende-se demonstrar como o desespero e o desamparo, diante da descoberta do nada, conduzem o homem à busca pela liberdade e pela responsabilidade em seu agir cotidiano. Com isso, espera-se contribuir para o entendimento de como Sartre chega à questão do homem e de sua existência.

Palavras-chave: homem; existência; liberdade; Sartre.

ABSTRACT

This study aims to investigate the anthropological issue of man, his place in the world, and his existence. The problem of this work consists of addressing this issue based on the existentialist perspective of Jean-Paul Sartre. For the understanding of the theme, we use the work 'Existentialism is a Humanism' (1946), in which the philosophical question of man as a subject who exists is presented under an anthropological bias. The goal of this work is to analyze the presence of existential anthropology, seeking to understand the meaning of humanism as conceptually defined by Sartre. It is intended to demonstrate how despair and helplessness, in the face of the discovery of nothingness, lead man to seek freedom and responsibility in his daily actions. Thus, it is hoped to contribute to the understanding of how Sartre arrives at the question of man and his existence.

Keywords: man; existence; freedom; Sartre.

Sumário

1. INTRODUÇÃO	7
2. A CONCEPÇÃO DE HOMEM COMO SUBJETIVIDADE E A CRÍTICA SARTRIANA AO SOLIPSISMO MODERNO	9
3. O EXISTENCIALISMO DE SARTRE A PARTIR DE EXISTENCIALISMO HUMANISMO	12
4. A MORAL, A LIBERDADE E A CONTINGÊNCIA EM EXISTENCIALISMO HUMANISMO	14
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS	16
6. REFERÊNCIAS	19

1. INTRODUÇÃO

“O que é o Homem?” Trata-se de umas das perguntas mais antigas da filosofia e tem sido debatida dentro de vários pontos de vista ao longo da história. Esse problema também pode ser resumido como “o que torna o homem humano?”, sendo geralmente conhecida como “questão antropológica”. Nesse sentido, o estudo antropológico é aquele que busca descobrir o que distingue o ser humano de qualquer outro ser. Com o desenvolvimento da filosofia, muitos olhares teóricos foram pensados sobre essa pergunta. Dentre eles, o existencialismo, filosofia que buscamos nos aproximar nesse trabalho.

Na verdade, quando se fala sobre a temática do homem, a questão antropológica se refere, com maior frequência, à antropologia social ou cultural. A antropologia filosófica, de forma geral, é uma área da filosofia que busca entender o que é o ser humano e qual é a sua relação com o mundo em que vive.

No entanto, uma abordagem filosófica dessa questão pode trazer novas perspectivas para o problema. Por isso, neste trabalho buscamos compreender a antropologia numa visão existencial, especificamente no existencialismo de Jean-Paul Sartre (1905-1980), um importante e influente pensador francês do século XX.

Para Sartre “a existência precede a essência” (Sartre, 2012, p. 23), ou seja, para entendermos a condição peculiar do ser humano, não basta apenas procurar uma “essência”, uma única característica que distingue o homem dos outros seres. Ao invés disso, para Sartre, deve-se buscar a análise da “existência” do Homem, o movimento próprio e a situação própria dele, que não pode ser reduzido num conceito único e absoluto. No artigo *A perspectiva antropológica do existencialismo* o autor Frazão, assevera que:

A existência, para Sartre, é privilégio do homem, a interioridade que só ele sente (ser para-si), ao passo que as coisas se limitam simplesmente a ser (ser em-si). Ao contrário do Idealismo, os fenômenos não se reduzem a puros estados de consciência, isto é, não se absorvem simplesmente no pensamento. O ser em-si nada mais é que um dado primitivo, que exclui qualquer potencialidade interior, enquanto o homem nada mais é do que aquilo que se projeta ser. A subjetividade é que impede o homem de se tornar

objeto, pois permite a ele apreender, a partir de dentro, suas próprias qualidades, caracterizando-o como homem. Por meio da liberdade, diz-nos Sartre, o homem cria-se a si próprio, como também os objetos exteriores a ele (Frazão, 1999, p. 65).

Diante dessa citação, podemos dizer que Sartre elabora um existencialismo que se origina na subjetividade inerente humana. No seu percurso, busca-se compreender tanto a ação humana sob ponto de vista da liberdade, quanto a visão técnica que é vista como nosso potencial de construção da vida. Nesse sentido, ele usa o exemplo do cortador de papel que é um objeto que tem uma utilidade definida pela própria necessidade humana e somente o homem pode definir utilidade às coisas.

Nesse contexto, busca-se investigar de que maneira antropológica em pauta pode ser abordada e respondida conforme a filosofia existencialista de Jean- Paul Sartre, compreendendo como essa corrente filosófica contribui para a reflexão sobre a condição humana. Por isso, este trabalho se fundamenta na obra “*O Existencialismo é um Humanismo*” (2012), já que é uma obra pautada na explicação dos temas centrais do existencialismo sartriano e melhor condiz com a necessidade desse trabalho. Cabe ressaltar que esta obra é, na verdade, uma conferência que Sartre apresentou ao grande público, na tentativa de esclarecer alguns pontos que foram criticados na sua filosofia da sua obra mais consagrada “*O Ser e o Nada*” (2011). Dentre os pontos criticados está a ideia de que Sartre defenderia um pessimismo humano, um quietismo desesperador, ou uma espécie de niilismo para a existência do homem, o que não é nenhum dos casos. A sua defesa do existencialismo através de E.H¹, no qual busca-se abordar de que maneira a referida obra serve tanto como um ótimo panorama geral da filosofia sartriana quanto um importante conteúdo de reiteração de más interpretações e das oposições que Sartre faz à tradição racionalista-determinista ocidental.

Com isso, tem como objetivo pesquisar e compreender como o existencialismo de Sartre pode ser um fundamento para a antropologia existencial. A metodologia utilizada é a revisão bibliográfica, sempre consultando fontes confiáveis e expandindo

¹ A partir de agora usaremos a sigla EH para referimos a obra *O Existencialismo é um Humanismo* (2012).

as referências. Desse modo, muitas obras poderiam ser incluídas, mas o livro principal que focaremos na pesquisa será E.H. Entre alguns comentadores importantes como, Franklin Leopoldo e Silva, Roberta do Carmo, Francisco Frazão e Thana Mara de Souza.

Dessa maneira, pretende-se contribuir para o estudo do Homem e da questão antropológica através de um olhar filosófico da antropologia existencial, buscando valorizar o indeterminismo que faz parte da existência humana e como a condição do Homem precisa ser tratada na sua complexidade. Em resumo, o trabalho dá uma visão geral sobre a questão antropológica e como as obras de Sartre podem ajudar a responder uma das perguntas mais antigas e difíceis da humanidade, já que diz respeito às nossas concepções mais básicas sobre nós mesmos.

2. A CONCEPÇÃO DE HOMEM COMO SUBJETIVIDADE E A CRÍTICA SARTRIANA AO SOLIPSISMO MODERNO

O problema do solipsismo tem origem no pensamento moderno, especialmente nas formulações de René Descartes e, posteriormente, de Immanuel Kant. Em Descartes, a ênfase no "cogito" inaugura um sujeito isolado, cuja existência é confirmada pela própria consciência, enquanto Kant aprofunda essa cisão ao estabelecer a separação entre o fenômeno e o númeno, limitando o conhecimento ao que é dado pela experiência sensível e pelas categorias do entendimento.

Esses marcos inauguram um impasse filosófico que atravessa os séculos seguintes: a dificuldade de superar o sujeito autocentrado e alcançar o outro como presença autêntica. Foi nesse contexto que Jean-Paul Sartre direcionou sua crítica ao solipsismo, rejeitando a ideia de um eu fechado em si mesmo. Para Sartre, a existência precede a essência, e o sujeito se constitui na relação com o mundo e com os outros.

A crise do sujeito moderno, expressa por esse isolamento ontológico, impulsionou o surgimento da antropologia filosófica na Idade Moderna, fortemente influenciada tanto pelo racionalismo cartesiano quanto pelo idealismo transcendental kantiano. O espírito renascentista aponta assim um antropocentrismo que se radicaliza com o tempo, deixando ao ser humano a tarefa de empreender progresso, ciência e domínio da natureza. O que inevitavelmente leva a um humanismo moderno

que se consolida através da racionalidade individual e subjetividade do conhecimento seguro.

Por esse ângulo, podemos perceber que Sartre realiza uma crítica contundente do humanismo moderno, representado pelo subjetivismo cartesiano e pelo iluminismo kantiano. Para isso, argumenta que ambos reduzem a subjetividade a uma dimensão abstrata e universalizante, afastando-se da concretude da existência, metodologia infértil e errônea, pois é na própria realidade que se instaura a vida humana, em detrimento de qualquer teorização para além do material, da facticidade. No caso de Descartes, o seu *cogito* estabelece a certeza do sujeito pensante como fundamento absoluto do conhecimento, mas, ao fazê-lo, encerra a consciência em um solipsismo metodológico que exclui o problema do outro, também mencionado como a alteridade. O “*penso, logo existo*” não contempla e não é capaz de conceber a presença do outro como elemento constitutivo da subjetividade, uma vez que podemos concluir que a certeza cartesiana reside meramente na introspecção do sujeito, na interioridade, no *eu*. Sartre assim afirma em E.H:

Através do penso, contrariamente à filosofia de Descartes, contrariamente a filosofia de Kant, nós nos apreendemos a nós mesmos perante o outro, e o outro é tão verdadeiro para nós quanto nós mesmos. Assim, o homem que se alcança diretamente pelo cogito descobre também todos os outros, e descobre-os como sendo a própria condição de sua existência (Sartre, 2012, p. 11).

Para Sartre, Kant também vai na mesma direção, pois apenas reforça essa limitação de Descartes ao desenvolver a experiência do sujeito dentro das categorias bem fixas do entendimento, estabelecendo o “eu transcendental” como condição de todo o conhecimento. No entanto, essa concepção justamente torna a subjetividade fraca e sem sentido, pois a relação verdadeira com os outros, a experiência entre os sujeitos é somente uma redução de uma forma *a priori* que não leva em consideração a existência do ser humano em seu contato com o mundo, com os outros, com tudo que não é o indivíduo solitário.

Sartre rejeita a concepção cartesiana e kantiana ao afirmar que a subjetividade não é um princípio absoluto e isolado, mas uma abertura ao mundo, na qual a presença do outro é essencial para a constituição do próprio ser. Em sua ontologia,

desenvolvida principalmente em *O Ser e o Nada*², a relação com o outro não é um elemento secundário, mas constitutivo da existência humana, já que o olhar do outro revela dimensões do ser que não podem ser reduzidas a meras categorias racionais. Dessa forma, Sartre critica a tradição filosófica que exclui a intersubjetividade da definição do humano, argumentando que a existência precede a essência e que a compreensão do ser humano deve partir da liberdade concreta e da responsabilidade de cada indivíduo em seu engajamento no mundo. Ao contrário do racionalismo cartesiano e kantiano, que subordinam o sujeito a uma estrutura cognitiva impessoal, o existencialismo sartriano enfatiza a experiência singular e contingente da existência, na qual o ser humano só se compreende plenamente na relação inescapável com os outros.

Desse modo, a filosofia de Sartre se colocará fortemente contrária a essa concepção antropocentrada, desenvolvendo em E.H uma forte crítica endereçada ao solipsismo desses autores, uma vez que, para o filósofo existencialista, a modernidade constituída nas bases do pensamento cartesiano/kantiano leva a um afastamento das relações humanas que se fundamenta na subjetividade enquanto categorização suprema do conhecimento. Não à toa, isso leva à exclusão da possibilidade de pensar no problema do outro.

Sartre escreve que:

O homem possui uma natureza humana; essa natureza humana, que é o conceito humano, pode ser encontrada em todos os homens, o que significa que cada homem é um exemplo particular de um conceito universal: o homem. Em Kant, resulta de tal universalidade que o homem da selva, o homem da Natureza, tal como o burguês, deve encaixar-se na mesma definição, já que possuem as mesmas características básicas. Assim, mais uma vez, a essência do homem precede essa existência histórica que encontramos na Natureza (Sartre, 2012, p. 3).

Ou seja, percebe-se que os filósofos modernos e iluministas estavam em busca de algo que unificasse a experiência humana, algo que pudesse ser descrito como uma "natureza humana" ou uma essência comum a toda a humanidade. Essa visão essencialista tem um pressuposto básico de que existe uma característica própria e

² A partir de agora usaremos a sigla SN ao mencionar a obra *O Ser e o Nada* de Sartre (2011).

universal definitiva no ser humano, além de ser imutável e compartilhada entre todos, independentemente das diferenças culturais, históricas ou sociais. Nesse sentido, essa ideia de essência comum era entendida como a origem do comportamento, da razão e até dos sentimentos humanos, levando a crer na universalidade dessa essência.

Porém, com o passar dos séculos, essa concepção começou a ser desafiada. Surgiram outras correntes filosóficas, como o empirismo, o existencialismo e o relativismo cultural, que colocaram em xeque a ideia de uma essência fixa e de uma “natureza humana”. Alguns pensadores argumentam que as características humanas não podem ser imutáveis e universais, pois isso anularia a experiência individual de cada ser humano. Com isso, a reflexão sobre o ser humano passou a se ramificar, pois foi reconhecida a complexidade da vida humana e sua existência.

Dessa maneira, esse questionamento sobre o homem e seu espaço no mundo, é o foco deste trabalho, em que procuramos entender a luz do pensamento de Jean-Paul Sartre e como chegara à questão do homem e de sua existência. Além disso, cabe ressaltar que toda essa reflexão é feita a partir da percepção fenomenológica, investigando como o filósofo francês chega à concepção de que há uma autonomia suprema no ser humano perante o seu existir e como cada existência particular tem uma essência.

3. O EXISTENCIALISMO DE SARTRE A PARTIR DE “E.H”

Partindo dessa perspectiva, o sistema filosófico sartriano busca uma definição fenomenológica para existência humana no mundo. A fim de explanar mais sobre o tema usaremos o livro EH, obra publicada em 1946, de estilo simples e direto, pois seu principal objetivo era tornar claro todos os conceitos para o entendimento sobre o existencialismo. Em suma, falar de existencialismo à luz da filosofia ou até mesmo do público geral é algo que se configura como uma distorção de conceitos dos quais se pode referenciar o de liberdade, pois a liberdade tal qual é entendida como uma origem nas doutrinas como no cristianismo.

Há certa condenação da humanidade no que diz respeito ao homem, que este estará sempre condenado a ser livre por toda sua existência, “Condenado, porque não se criou a si mesmo, e como, no entanto, é livre, uma vez que foi lançado no mundo,

é responsável por tudo o que faz” (Sartre, 2012, p.18). Então, o homem sendo condenado a ser livre tudo o que faz é fruto de sua escolha, tanto as ações boas quanto as más são, assim, frutos da existência da natureza humana, pois ela não tem origem em nenhuma essência ou “natureza humana” anterior. É justamente nesse sentido que o pensador inaugura a célebre forma “a existência precede a essência” (Sartre, 2012, p.8).

Dessa maneira, Sartre se interessa por fazer um retrato da consciência, semelhante à fenomenologia de Edmund Husserl, quando a configura que toda consciência é consciência de algo. Cabe dizer que, para Sartre, esse algo não deriva de algum objeto que foi inserido no mundo, pois nenhum objeto particular representaria a totalidade da nossa consciência. Nesse ponto, Sartre acaba se diferenciando do entendimento de outros filósofos que lhe antecederam. Um exemplo disso é Hegel, que via a questão da consciência³ como o que antecede à consciência-de-si⁴ no percurso do entendimento.

Conforme mostra Silva:

Na verdade, dizer que no homem a existência precede a essência é, senão uma fórmula, ao menos uma afirmação que somente adquire valor heurístico quando a associamos a um outra, talvez mais completa, no seu conteúdo interrogativo: o homem é o ser em que o próprio ser está em questão (Silva, 2003, p. 13)

Ao se destinar a estudar a respeito do conceito de existência descrito por Sartre, devemos entender que, em primeiro plano, alguns conceitos fazem parte do sistema filosófico sartriano como o que seria o “em-si” o “para-si” a “temporalidade” e o conceito de “liberdade”.

Nessa perspectiva, é possível entender a antropologia e o homem como questão existencial, Sartre na obra EH complementa que:

³ Na obra *Fenomenologia do Espírito*, Hegel elabora o caminho da consciência que começa com a certeza do sensível, aquilo que se tem contato de imediato até a certeza do saber do absoluto, ou seja, a compreensão da realidade.

⁴ Consciência-de-si, momento que a o questionamento sobre si mesma, e sua relação com o mundo.

Pois queremos dizer que o homem existe antes de tudo, ou seja, que o homem é, antes de tudo, aquilo que projeta vir a ser, e aquilo que tem consciência de projetar vir a ser. O homem é, inicialmente, um projeto que se vive enquanto sujeito, e não como um musgo, um fungo ou uma couve-flor; nada existe anteriormente a esse projeto; nada existe de inteligível sob o céu e o homem será, antes de mais nada, o que ele tiver projetado ser (Sartre, 2012, p. 26).

Ademais, a questão do “o que é o homem” dentro da vertente filosófica vem sendo discutida ao longo da história colocando em questão o homem enquanto sujeito que existe por um viés antropológico. Partindo desse pressuposto, Sartre não renuncia à ideia de que é necessário partir de um âmbito claro. Para isso, em sua obra *SN*, ele levanta dois modos de ser: o em-si e o para-si. O em-si refere-se ao modo de ser das coisas, ou seja, ele é o que é, diferente do ser da consciência, logo, o em-si não precisa da consciência para ser. Já o para-si tem por modo o ser da consciência das coisas, sendo o domínio da experiência humana da consciência, fazendo-se específico dos seres humanos os tornando-o um ser de possibilidades.

O homem é consciente do seu existir, ou seja, da sua própria existência. Carmo faz menção em seu livro *Fracasso e liberdade em Sartre, o desejo do homem de ser Deus*, “Por fim, é possível concluir: através da ideia de fenômeno, Sartre efetiva sua busca pelo ser. Porém, nessa busca, abre-se uma dicotomia inevitável: há o que aparece e há aquele a quem aparece. Ou seja, há o ser em-si e há o ser para-si” (Carmo, 2019, p. 14). Analisaremos melhor esses conceitos e como eles se relacionam com a liberdade e a responsabilidade a seguir.

4. A MORAL, A LIBERDADE E A CONTINGÊNCIA EM “E.H”

Uma das ideias mais distintas do pensamento de Sartre é que a liberdade humana é irrestrita, indeterminada e, em última instância, pura possibilidade de escolha. Por isso mesmo, a humanidade sofre, de forma paradoxal com a condenação da liberdade, que uma vez que ela nos é dada de forma plena, não nos oferece um guia ou um destino pré-estabelecido. A liberdade, para Sartre, é simultaneamente um presente e uma maldição. Isso porque, ao nos libertarmos de qualquer essência predeterminada, somos obrigados a carregar o peso da responsabilidade pelas

nossas próprias escolhas, sem poder atribuir nossa condição a forças externas, seja a natureza, a sociedade ou até mesmo a ideia de Deus. O homem, portanto, não tem escapatória: ele é responsável por tudo o que faz, e isso gera uma sensação de angústia existencial. Como bem disse Silva (2003):

Sartre conceitua a liberdade como uma condição intransponível do homem, da qual, ele não pode, definitivamente, esquivar-se, isto é, o ser humano está condenado a ser livre e é a partir desta condenação à liberdade que o homem se forma. Não existe nada que obrigue o ser humano agir desse ou daquele modo. Sartre tem como ponto de partida a liberdade nas ações de escolher, o que fazer é sempre intencional, ou seja, é impulsionado por um desejo consciente dos princípios dessa escolha (Silva, 2003, p. 94).

Por essa concepção de "condenação", para o existencialista, não há mais a possibilidade de contar com normas ou valores absolutos que nos digam como agir. Por isso, nossa existência se caracteriza pela busca constante por sentido no mundo, que parece estar ausente de qualquer significado inerente. Esse desolamento e perda de norte existencial também é pensado por Sartre, o que ele chama de "náusea", ou seja, é uma sensação de que a liberdade não é prazerosa e benéfica, mas se trata de um fardo pesado. Isso ocorre porque, sendo o ser humano condenado à liberdade, cada escolha, por menor que seja, define toda a nossa vida, mas também impacta nos outros. Além do mais, é de responsabilidade nossa as consequências dessas escolhas. Portanto, o ser humano pode escolher, mas não pode se isentar da escolha, sendo o único responsável pelos seus próprios atos, já que não há deuses ou regras universais.

Essa reflexão se conecta com uma diferença no pensamento de Sartre entre o "em si" e o "para si", que é fundamental para compreender a complexidade da liberdade humana e a estrutura da existência. O "em si" refere-se a tudo aquilo que é, mas não tem consciência de si mesmo, algo que existe sem refletir sobre sua própria existência. São os objetos, a natureza, os seres inanimados, que simplesmente são, sem qualquer capacidade de reflexão ou autocompreensão. O "em si" é uma realidade fechada, determinada e completa em si mesma, sem a abertura para a mudança ou para a liberdade. A característica central do "em si" é sua imutabilidade: ele não pode escolher ser outra coisa, pois não possui a capacidade de se projetar ou de se

modificar conscientemente. Esse conceito é a antítese da condição humana, que, segundo Sartre, se define pela capacidade de se transcender e se reinventar. Desse modo:

Assim, vamos a O ser e o nada mostrar que a compreensão do ser-no-mundo exige entender ao mesmo tempo o que é esse ser e o que é esse mundo, de modo que, por meio do exemplo de interrogação, podemos chegar à nadificação como estrutura do Para-si. Essa nadificação, essa não identidade com o mundo e consigo mesmo, essa intencionalidade da consciência levada ao extremo, será o que Sartre chamará de liberdade (Souza, 2020, p. 166).

Nesse sentido, a liberdade só pode ocorrer no para-si, uma estrutura ontológica que Sartre vincula somente ao ser humano, pois, ao contrário do em-si, possui autoconsciência. Na Introdução de SN, Sartre já nos alerta:

O ser é. O ser é em si. O ser é o que é. Eis as três características que o exame provisório do fenômeno de ser nos permite designar no ser dos fenômenos. [...] Não é o exame do Em-si - que não é jamais senão aquilo que é - o meio capaz de nos fazer estabelecer e explicar suas relações com o Para-si. Portanto, partimos das "aparições" e viemos progressivamente a estabelecer dois tipos de seres: o Em-si e o Para-si, sobre os quais só temos por enquanto informações superficiais e incompletas (Sartre, 2011, p. 40).

Se partimos dessa compreensão, o ser humano é para-si, em oposição ao em-si, porque é capaz de refletir sobre si mesmo, de se perceber como uma totalidade e de ter uma consciência da própria existência. Não pode ser diferente, como em seu perceber, o ser humano se vê como um ser projetado para o futuro, com a capacidade de fazer escolhas e de criar sentido para sua vida. No entanto, essa consciência também carrega o peso da responsabilidade e da angústia, pois, ao se reconhecer como "para si", o indivíduo se torna consciente de sua liberdade e de sua condição de ser responsável por suas escolhas. A existência do para si é, portanto, uma existência de constante abertura ao futuro, à possibilidade de mudança, mas também à incerteza e ao sofrimento. Ao contrário do "em si", o "para si" está sempre em processo, sempre em busca de definição, sendo simultaneamente criador e criatura de sua própria vida.

Por isso, a liberdade não é uma simples questão de escolha entre alternativas;

ela é uma questão existencial, pois carrega consigo a constante necessidade de definir o que é ser humano, sem qualquer garantia de sucesso ou certezas. É por isso que Sartre fala de uma “liberdade absurda”, que, ao mesmo tempo em que é fonte de poder, também é fonte de sofrimento, pois nos coloca em um mundo onde somos os únicos responsáveis por dar sentido à nossa própria existência.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente texto procurou apresentar uma análise da crítica de Jean-Paul Sartre à tradição filosófica moderna, especialmente ao solipsismo presente nas concepções de subjetividade em Descartes e Kant. Esses pensadores teriam reduzido a subjetividade a uma instância abstrata e isolada. Em contraste, Sartre propõe uma subjetividade enraizada na existência concreta e na intersubjetividade, para a qual a presença do outro é essencial à constituição do ser humano.

A partir de sua obra *O Existencialismo é um Humanismo*, Sartre rompe com visões essencialistas da natureza humana e defende que o ser humano é um projeto em constante construção, livre e responsável por suas escolhas. Sua filosofia destaca a importância do engajamento, da convivência e da alteridade, recusando qualquer definição fixa do ser humano.

Assim, a subjetividade, para Sartre, não é um isolamento, mas uma abertura ao mundo e aos outros, o que contribui significativamente para a antropologia filosófica contemporânea ao oferecer uma visão dinâmica, plural e situada do ser humano. O texto destacado analisa sua concepção original de ser humano a partir de uma perspectiva existencialista. Sartre rejeita o essencialismo e o determinismo, afirmando que o homem não nasce com uma essência pré-definida: ele existe primeiro e constrói sua essência por meio de suas escolhas e ações. Ao dizer que o homem está condenado a ser livre, Sartre ressalta a responsabilidade inerente a essa liberdade radical, que torna o ser humano autor de si mesmo e corresponsável pela humanidade.

Um dos pontos mencionados brevemente são os conceitos de “em-si” (realidade estática das coisas) e “para-si” (consciência humana, marcada pela negação e pela abertura ao futuro), fundamentais para entender a liberdade e a capacidade de projeto do sujeito. Mesmo com ênfase na subjetividade concreta,

Sartre não cai no solipsismo: ele reconhece a importância da presença do outro como constitutiva da existência humana. Assim, o existencialismo sartriano, ao se afirmar como um humanismo, propõe uma visão do homem como um ser em constante construção, cuja essência se realiza na ação. Essa filosofia contribui de forma decisiva para a antropologia filosófica contemporânea, ao oferecer uma compreensão dinâmica, livre e responsável do ser humano em sua historicidade e complexidade.

O texto ainda aborda uma existência humana definida por uma liberdade radical e inevitável. Sem uma essência prévia ou valores absolutos, o ser humano está lançado no mundo e precisa construir a si mesmo por meio de suas escolhas. Essa liberdade implica responsabilidade total: ao escolher, o indivíduo não só se define, mas projeta um modelo de humanidade. Sartre associa liberdade à angústia, pois cada decisão envolve o peso de representar todos os homens. No entanto, essa condição não conduz ao niilismo, mas a uma noção de ser humano baseada na responsabilidade e no engajamento ético. A distinção entre “em-si” (ser das coisas) e “para-si” (consciência humana) reforça essa visão: o ser humano é abertura, possibilidade e projeto inacabado.

Portanto, a filosofia sartriana apresenta uma concepção de moral fundada na autonomia plena do sujeito, mas também na sua vulnerabilidade diante do mundo e da ausência de fundamentos eternos. A liberdade é o que nos define enquanto humanos e também o que nos desafia constantemente a sermos autores do nosso próprio destino. Em um mundo sem garantias, Sartre nos convoca a assumir essa liberdade com coragem, pois é nela que reside a verdadeira dignidade do ser humano.

REFERÊNCIAS

CARMO, Roberta do. *Fracasso e liberdade em Sartre: o desejo humano de ser Deus*. Juiz de Fora: Editora UFJF, 2019.

FRAZÃO, Francisco. A perspectiva antropológica do existencialismo. *Metanóia*, São João del Rei, n. 1, 1999.

HEGEL, G. W. F. *Fenomenologia do espírito*. Tradução de Paulo Menezes; colaboração de Karl-Heinz Effen e José Nogueira Machado, SJ. 2. ed. rev. Petrópolis, RJ: Vozes; Bragança Paulista, SP: Universidade São Francisco, 2002.

SARTRE, Jean-Paul. *O existencialismo é um humanismo*. 2. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.

SARTRE, Jean-Paul. *O ser e o nada: ensaio de ontologia fenomenológica*. 20. ed. Rio de Janeiro: Vozes, 2011.

SILVA, Franklin Leopoldo e. *Ética e literatura em Sartre: ensaios introdutórios*. São Paulo: Editora UNESP, 2003.

SOUZA, Thana Mara de. Sartre e a condição humana: a condenação a uma natureza imposta pela existência. *Revista Ética e Filosofia Política*, n. 23, v. 1, jun. 2020. Disponível em: <https://periodicos.ufjf.br/index.php/eticaefilosofia>. Acesso em: 9 mar. 2025.